

LIVROS E REVISTAS

J E A N-JACQUES SERVAN-SCHREIBER: *Le défi Américain*, Paris. Editions Denoël, 1967. *

Todos os livros têm seu destino, mas alguns deles, como certos grandes homens, marcam época e produzem forte impacto na vida dos povos, chegando mesmo a alterar-lhes a História; tal é a força do pensamento, principalmente quando êle representa a síntese dos sentimentos coletivos ou a expressão daquilo que mais ou menos todos pressentem porém não conseguem dizer, de forma lúcida, racional e ordenada.

O Desafio Americano, de J E A N-JACQUES SERVAN-SCHREIBER, é um dessas obras que deixará sua marca profunda na história do pensamento político e econômico da Europa Ocidental. Não que represente algo de extraordinariamente novo ou criador. Bem ao contrário, nada se encontra no *O Desafio Americano* que já não tenha sido antes escrito, falado ou pensado por um político, economis-

ta ou jornalista europeu ou norte-americano. Assim, o livro de SERVAN-SCHREIBER não será um marco miliário na história do pensamento, como por exemplo *A República*, *O Príncipe*, *O Contrato Social* ou *O Capital*. No futuro, os conceitos nêle contidos não continuarão a frutificar nem se desdobrarão em diversas interpretações antagônicas, produzindo ondas recorrentes de agitação, no oceano das idéias.

Seu mérito, entretanto, é o de reunir dados e fatos, apresentá-los com a simplicidade eloqüente da estatística e tirar conclusões, mais ou menos lógicas e razoáveis, do que acontecerá se as coisas continuarem iguais. É uma espécie de "ôvo de Colombo" do pensamento econômico francês e o que o autor de *O Desafio Americano* descobriu não foi mais nada do que uma coisa que todos já sabiam ou pressentiam: o universo em expausão da economia norte-americana tende a distanciar-se cada vez mais — em termos de crescimento relativo

* A presente análise, sob o título de "O desafio americano e outros desafios", será publicada na íntegra, na *Carta Mensal*, órgão do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio. O texto aqui publicado nos foi cedido por especial gentileza do autor, Prof. HERCULANO BORGES DA FONSECA.

— dos outros núcleos de poder da economia mundial.

* * *

Da leitura de *O Desafio Americano* se depreende, claramente, que seus objetivos principais consistem em: 1.º — demonstrar que a Europa está perdendo sua posição de liderança mundial para os Estados Unidos; 2.º — que a distância que separa a Europa Ocidental dos Estados Unidos, em termos de desenvolvimento econômico e tecnológico, tende a crescer, a menos que sejam tomadas certas providências urgentes; 3.º — que a batalha não está perdida e que dependerá dos europeus a equação do problema, que poderá ser resolvido, satisfatoriamente, desde que sejam adotadas, com urgência, certas medidas e políticas defendidas por SERVAN-SCHREIBER.

Para chegar às suas conclusões, fez o autor daquela obra uma radiografia dos Estados Unidos, país líder da economia universal, cujos principais aspectos convém sintetizar, para que se tenha uma idéia do que representa a potência norte-americana no contexto da economia mundial. No Capítulo V do livro sustenta SERVAN-SCHREIBER que não estamos na presença de um imperialismo político clássico, de uma vontade de conquista, porém de um modo mais mecânico, de um desbordamento de potência devido à diferença de “pressão” entre a América do Norte e o resto do mundo, incluindo a Europa. Este superpoderio americano provoca ressentimentos mas é pouco conhecido. Foram os seguintes os indicadores para medir a potência

americana no mundo, considerada sem precedentes na História: a indústria americana produz, só por si, duas vezes mais bens e serviços do que o conjunto das indústrias européias reunidas (Mercado Comum mais a Grã-Bretanha). Esta capacidade de produção é duas vezes e meia maior do que a da União Soviética, que tem mais habitantes do que os Estados Unidos. Ela se iguala a um terço do conjunto da produção de todos os países do mundo reunidos, com exceção dos Estados Unidos, que atingiram essa capacidade com 7% da superfície e 6% da população mundial.

Do ponto de vista cultural, assinala SERVAN-SCHREIBER que, de todos os estudantes que no mundo fazem cursos superiores, um terço é de americanos. O número dos estudantes, em relação à população total, representa, para os Estados Unidos, uma porcentagem cerca de duas vezes mais elevada do que em qualquer outro país do mundo.

Outros aspectos significativos são os seguintes: os Estados Unidos consomem um terço da energia produzida no mundo inteiro. Além disso, um terço de todas as estradas construídas no mundo recobre o território dos Estados Unidos. A metade dos quilômetros-passageiros transportados anualmente no mundo cabe à aviação civil americana; dois caminhões em cada cinco que circulam no mundo, diariamente, são americanos em estradas americanas e os americanos possuem três em cada cinco de todos os automóveis do mundo.

Tratando da produtividade, informa que o equipamento técnico da indústria americana e o progresso em “management” elevaram a

produtividade por homem empregado na indústria a um nível que é 40% acima do nível sueco (que se lhe segue imediatamente na classificação mundial), 60% acima do nível alemão, 70% acima do francês e 80% acima do inglês. E aduz aquêl autor que o motor dêste poderio é primeiramente a empresa americana que, segundo êle, poderá transformar-se na terceira potência industrial do mundo depois dos Estados Unidos e da Rússia, dentro de quinze anos.

Para dar uma idéa da grandeza da indústria americana, cita SEEVAN-SCHREIBER um dado bem expressivo: "se hoje somarmos os lucros das dez maiores empresas francesas, alemãs e inglesas (num total de trinta empresas) chega-se à cifra de dois bilhões de dólares. Ora, só os lucros da General Motors se elevam a dois bilhões e duzentos e cinqüenta milhões de dólares. Assim sendo, para atingirmos os lucros da General Motors teremos que adicionar às trinta principais empresas européias o total dos lucros das dez primeiras empresas japonesas (duzentos e vinte e cinco milhões de dólares). E para chegarmos a êste resultado as quarenta empresas européias e japonesas reunidas empregam três e meio milhões de pessoas enquanto que a General Motors emprega apenas setecentos e trinta mil... cerca de cinco vezes menos".

Para mostrar o crescimento vertiginoso do parque industrial norte-americano, que de 1961 a 1966 dobrou o montante anual de seus investimentos, feitos quase que na sua totalidade por autofinanciamento, menciona êle também os seguintes dados: 1.º — de 1961 a

1966 os lucros brutos das sociedades americanas cresceram de 7,7% do produto nacional para 9,5% enquanto que, no mesmo período, as sociedades francesas baixavam de 6,6% para 3,5%. Isso explica o fato de a participação da indústria americana, no conjunto da indústria mundial já dominante há dez anos, não cessar de aumentar. Assim é que, em 1966, dentre as empresas mundiais cujo volume de negócios por empresa ultrapassou um bilhão de dólares, sessenta estão localizadas nos Estados Unidos e vinte e sete não são americanas.

Em cinco anos, o número de empresas industriais cujo vulto dos negócios ultrapassou 500 milhões de dólares, por ano, elevou-se de 97 para 134 nos Estados Unidos, de 27 para 41 na Comunidade Européia e de 22 para 49 no resto do mundo.

Assim sendo, a cifra dos negócios globais das grandes empresas aumentou de 40% nos Estados Unidos e 36% na Europa. Levada em conta a inflação de preços por atacado observada na Europa, a taxa de progresso real foi de 26% a 28% na Comunidade Européia contra 40% nos Estados Unidos, vale dizer — um terço mais rápido nas empresas americanas.

* * *

É impressionante a massa de dados e informações contida no *O Desafio Americano* [e seria impossível citá-los todos durante os sessenta minutos desta conferência.] Entretanto, existem ali alguns aspectos importantes que precisam ser salientados. O autor as-

sinala que, além da dimensão das empresas, o que conta mais ainda é a *estrutura* financeira e os *resultados* de operação das grandes empresas industriais. E aduz que, em virtude das fraquezas da estrutura financeira, as indústrias europeias não conseguiram encontrar, na maioria dos casos, nos mercados de capitais europeus, os recursos necessários às suas necessidades. Esta fraqueza financeira, como lembrou o Relatório Anual do Banco da Itália, facilita, de maneira crescente, a compra das empresas europeias pelas norte-americanas.

Em diversos trechos do livro, refere-se SERVAN-SCHREIBER a um ponto que reputamos da maior importância, tanto para a compreensão do fenómeno do distanciamento entre a economia europeia e a norte-americana quanto para o equacionamento do problema do desenvolvimento económico, em geral. Refiro-me à *Educação*. É ela que tem permitido o avanço tecnológico, que, por seu turno, é a consequência de um virtuosismo na gestão das empresas. "Um e outro são devidos a um fulminante impulso da educação", diz êle, acrescentando: "os Estados Unidos extraem, neste momento, um lucro maciço do mais rendoso dos investimentos: a formação de homens".

Como êle assinalou também, no início do século XX a expansão era devida, em grande parte e muito simplesmente, à virtude dos números. EDWARD DENISON, em trabalho recente, calcula que, entre 1909 e 1929, mais de metade do desenvolvimento da economia tem de ser levado em conta do

crescimento da *mão-de-obra* e do crescimento dos *capitais investidos*. Depois da grande crise de 1929 e até 1957, foi em menos de um terço que os fatores quantitativos (*mão-de-obra* e *capitais*) intervieram no crescimento do produto nacional. Hoje, os fatores mais importantes na expansão económica, os que figuram na cabeça da lista de trinta e um fatores de expansão recenseados por DENISON, são: a *educação geral* e as *inovações tecnológicas*.

Conclui então que não é à quantidade de mão-de-obra que se deve a expansão dos Estados Unidos nos últimos anos mas, sim, à rápida e crescente melhoria da produtividade que, no começo do século, no setor industrial privado, aumentava de 1,6% por ano, passando a ser, depois, de 2,7% por ano.

A principal conclusão do relatório DENISON é que o ensino constitui o fator mais importante, colocado à cabeça dos fatores económicos de expansão. Em 1930, o total das verbas consagradas à educação, nos Estados Unidos, era de 3,2 bilhões de dólares. Em 1965, essa importância havia sido multiplicada dez vezes e elevava-se a 39 bilhões de dólares.

Num quadro citado, estabelecido pelo Professor CHORAFAS sobre a formação dos jovens, verifica-se que os Estados Unidos, em 1956, possuíam 5.526.000 estudantes matriculados nas universidades ou escolas superiores, o que correspondia a 43% da população de vinte e quatro anos. No mesmo ano, a União Soviética possuía 4.000.000 ou seja 24% da população naquela idade, a França

500.000, ou seja, 16%, a Alemanha 280.000, ou seja, 7,5% e a Grã-Bretanha 165.000, ou seja, 4,8%.

Assim, o ritmo de formação de engenheiros e profissões científicas no Mercado Comum corresponde a menos de um terço do observado nos Estados Unidos. Mas se esses dados, altamente eloqüentes, não bastassem para explicar a razão do avanço cada vez maior da economia norte-americana, permitimo-nos destacar um aspecto sumamente favorável aos Estados Unidos, que realizam, efetivamente, a verdadeira democracia no campo do ensino: o índice de acesso ao ensino superior para os filhos dos operários da indústria e dos agricultores, naquele país, é três a cinco vezes superior ao dos países do Mercado Comum.

Além do fôssco que separa a renda média "per capita" dos países atrasados da dos países desenvolvidos, em que a diferença atinge a mais de 2.000%, há um outro "gap" que está gradualmente aumentando, como assinalou ROBERT McNAMARA, citado por SCHREIBER: o que se observa entre as próprias nações desenvolvidas e, mais precisamente, entre as nações industriais da Europa Ocidental e os Estados Unidos. Na Europa já se fala em colonialismo técnico e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, HAROLD WILSON, numa recente exposição feita em Estrasburgo, diz temer "uma nova escravatura industrial, por meio da qual, nós, na Europa, fabricamos apenas os produtos convencionais da economia moderna, ficando cada vez mais dependentes do aparelho industrial americano para tudo o que

seja a tecnologia avançada, para tudo o que será determinante na era industrial, a partir de 1970-1980".

Se *O Desafio Americano* constituiu uma contribuição inestimável ao esforço da Europa Ocidental, para compreender-se e interpretar-se, face ao poder avassalador norte-americano, para nós, brasileiros e latino-americanos, que vivemos no contexto periférico do mundo em desenvolvimento, pode representar tanto uma lição quanto um perigo. Será lição pelo que consegue esclarecer, como análise objetiva e sincera, alguns fenômenos que estão ocorrendo no centro cíclico da economia ocidental. Será perigo, e grande perigo, pelo que pode induzir de desvio de atenção das elites políticas e administrativas do país para fenômenos bem diferentes daqueles que, de imediato, constituem e hão de constituir o objeto de nossa preocupação, estudo e pesquisa.

SERVAN-SCHREIBER está sendo lido e meditado por todo o mundo que pensa no Brasil; por professores e alunos, economistas e sociólogos, políticos e empresários, militares e religiosos. Os comentários que se ouvem sobre seu livro são os mais descontraídos. Alguns concluem que o perigo americano é maior do que o perigo "amarelo"... Outros acham que não há nada a fazer senão entregar os pontos, tal é a grandeza e a potencialidade do colosso ianque; outros, ainda, pensam que devemos seguir os conselhos e a receita de SERVAN-SCHREIBER, pois "o que é bom para a Europa Ocidental em geral e para a França, em par-

ricular, também deverá ser bom para nós”.

Todos esses pontos de vista têm, quiçá, um pouco de verdade, mas alguns deles, se aceitos exageradamente, podem ser nocivos e perniciosos. Alguns conduzem ao pessimismo ou então, o que é tão ruim ou pior, ao seguinte paralogismo; se o problema da Europa Ocidental é idêntico ao nosso, diante dos gigantes industriais dos Estados Unidos, a solução para o mesmo deve ser igual e a terapêutica para o mal deve ser idêntica. Ora, nada mais falso. Nem o Brasil é um país da Europa, nem podemos ter a pretensão de manter-nos, a todo custo, nos píncaros da Civilização Ocidental, que ainda estamos longe de galgar e atingir. Se, para a Europa, o problema é de prestígio, é de luta, no sentido de permanecer numa posição de liderança que mantém há dois mil anos, para o Brasil o problema é outro: é o de descobrir o atalho que conduza, se não ao máximo poder, pelo menos a um digno lugar ao sol.

Mesmo porque, diante dos percalços e dos sofrimentos que afligem as nações líderes, seria o caso de perguntar-se: valerá a pena o sacrifício a ser feito e o preço a ser pago para uma conquista por tantas formas decepcionante? Valerá a pena ter de enfrentar tamanhas pressões e talvez derramar tanto sangue, suor e lágrimas pela vaidade de podermos orgulhosamente afirmar um dia: “somos o povo de maior renda “per capita” do Universo?”.

Pois se é verdade que uma alta renda “per capita” é geralmente sinônimo de progresso, de elevada civilização material, de grande ri-

queza, ela não significa, necessariamente, felicidade coletiva, paz de espírito dos cidadãos “uti singuli”, alegria de viver, segurança familiar e harmonia nacional. Malgrado sua enorme renda “per capita”, que já se aproxima dos 4.000 mil dólares, e da fase denominada por DANIEL BELL de sociedade pós-industrial, também nunca o povo norte-americano esteve tão confuso e perplexo diante do seu futuro; tão incerto quanto à sua felicidade nem tão desejoso de paz e harmonia internas, que são diariamente perturbadas pela luta racial, pelos ódios e disputas de lucros e poder, e pela desconfiança sobre o dia de amanhã. Também nunca a mocidade de uma grande nação teve tanta dúvida sobre o valor real da civilização que seus maiores criaram nem buscou fugir de tal forma da realidade, através de psicotrópicos e de outras fugas, expressas por atitudes inequívocas contra os “mores” e tabus da comunidade. Quem o diz são os “candidatos à presidência da grande nação e os grandes líderes industriais como, por exemplo, o Sr. J. B. McKITTRICK, Vice-Presidente da General Electric Company, que pronunciou estas impressionantes palavras na conferência “The Underdeveloped Nation and the Underdeveloped Person: Implications to American Industry”: “A América está hoje perturbada pelo dilema de viver, ao mesmo tempo, a maior prosperidade e, possivelmente, o maior sofrimento que o mundo jamais viu. Na verdade, parece termos chegado ao ponto em que uma grande guerra agora apenas afeta levemente a su-

perfície de nossa economia, colocando-nos em face dos problemas mais difíceis de consciência, quando nos é pedido renunciarmos a tão poucas coisas”.

“Embora equipados até os dentes com armas terríveis demais para serem usadas, nunca fomos tão inseguros. Ainda olhados pelo mundo quando procura liderança, ainda definindo, por nosso exemplo, tanto o alvo da vida desejável quanto os meios para seu atingimento, nunca estivemos menos certos de para onde nos encaminhamos”.

“Como o presidente disse há apenas poucos dias, existe uma estranha inquietação entre nosso povo. Assim como a sutil complexidade do caso do Vietnã esmaeceu a confiança tanto na sabedoria quanto na justiça de nossa posição, os acontecimentos do mês passado demonstraram também que estamos militarmente demais comprometidos e não mais podemos, portanto, permitir-nos manter o nível anterior de nossa assistência às pessoas necessitadas deste país e de outras regiões”.

“Com o nosso produto e com nossa renda nacionais a uma altitude jamais atingida, o poder de compra de nossa moeda nunca foi menor, nem sua estabilidade futura mais duvidosa. Com o desemprego reduzido a um ponto insignificante, ainda assim apenas 82% de nossa capacidade industrial são utilizados e as condições de produção de muitas fábricas estão próximas aos níveis de recessão. Embora não consigamos contratar suficiente trabalho especializado para atender às nossas necessidades, nossas metrópoles estão abarrotadas de

pessoas incultas, inempregáveis, doentes e rebeldes”. (Conferência pronunciada na “The Elfun Society, Schenectady” Nova York, em 2-2-68).

Vejamos quais as lições a serem colhidas em *O Desafio Americano*. Primeiramente, devemos reconhecer que tanto o Brasil quanto os demais países da América Latina se encontram numa situação inteiramente diferente da Europa Ocidental num confronto com os Estados Unidos. Lá, procura-se evitar a perda de uma posição de liderança e luta-se por impedir que aumente o “tôssso” tecnológico, que tende a acentuar-se na medida em que o progresso educacional americano se torna mais rápido. Aqui, trata-se de desenvolver, por todos os meios possíveis, a educação, em todos os níveis, a fim de que, antes de mais nada, se eleve o homem à altura de poder assimilar as técnicas modernas de produção e “marketing”.

Ao lado disso, temos de procurar estimular, da maneira mais lúcida e intensa possível, o ingresso da tecnologia avançada, que só pode ser feito se soubermos combater as tendências às reações típicas de certos países subdesenvolvidos, ou melhor, de certos líderes de alguns países subdesenvolvidos, que proclamam ser a nacionalização a resposta adequada à aceleração do investimento americano. Pois que, como o diz SERVAN-SCHREIBER, “mesmo supondo que a nova empresa, após a nacionalização, consiga recuperar a totalidade do acervo dos conhecimentos existentes, a empresa americana, instalada em nosso território, nem por isso deixaria de ficar desligada da corren-

te de criação contínua e decisiva, que promana da empresa-mãe. Em alguns meses, a empresa nacionalizada seria um estabelecimento ultrapassado, desatualizado. A nacionalização dos investidores americanos, operando-se num quadro de liberdade mundial de trocas, conduziria à rápida ruína as empresas que de tal medida fossem alvo. Não restaria outra solução aos governos que cometessem essa loucura senão a de fecharem as suas fronteiras e interditar a importação, em seu território, dos progressos realizados noutros países".

Os países em processo de desenvolvimento, como o nosso, precisam, ainda mais do que o Velho Continente, de tecnologia, de capacidade gerencial e da prática da "cross fertilization", que vêm permitindo dinamizar os fatores positivos existentes na sociedade com resultados tão assombrosos.

Temos a vantagem, sobre a Europa, de não possuir a mesma rigidez e reação contra as mudanças, que foram encontradas pelo autor de *O Desafio Americano* em tantas empresas do Mercado Comum. Por estarmos criando novos parques industriais, com equipamentos que representam, muita vez, dezenas de anos de evolução e aperfeiçoamento tecnológico, devemos seguir o exemplo americano e utilizar amplamente aquele fator imaterial que é a Educação. A "virtuosidade" gerencial, a associação da grande empresa, da universidade e do governo, o desenvolvimento combinado da pesquisa é que poderão, entre nós, apressar o passo de nosso desenvolvimento.

As previsões pessimistas dos

HERMAN KATIN e outros adivinhos "transistorizados" do Hudson Institute não nos devem desanimar nem nos lançar no pessimismo que está avassalando diversos leitores de *O Desafio Americano*.

A classificação das sociedades humanas em camadas superpostas, feita com base na renda "per capita" previsível de seus habitantes, é apenas mais uma imagem distorcida e imprópria da realidade presente e futura dos países.

A previsão de que o Brasil, em virtude de sua baixa renda por habitante, deva estar colocado, no fim do século, na faixa das nações em processo de industrialização (de 200 a 600 dólares "per capita") não significa, nem pode significar, por exemplo, que alguns dos países como a Dinamarca (colocados na posição suprema de sociedade pós-industrial, com renda de 4.000 a 20.000 dólares) sejam ou venham a ser mais importantes do que nós no concerto das nações. Nem, tampouco, a colocação de Israel entre as sociedades industriais avançadas (com rendas de 1.500 a 4.000 dólares) faz com que esse país se ombreie com a França ou a União Soviética, colocados na mesma chave.

A verdade é que não passa de uma estultícia falar-se em nações que estarão no pelotão da frente ou no pelotão de trás usando-se como medida de classificação a "renda per capita". Pois se isso significasse um parâmetro autêntico da posição real, alguns países produtores de petróleo do Oriente Médio seriam mais importantes do que certas grandes potências do Ocidente europeu, e a Venezuela, de longe, o maior país da Améri-

ca Latina. O que não parece verdade.

O fato é que a quantificação pura e simples de valores materiais para indicar o grau de desenvolvimento dos países tem levado à visão distorcida das respectivas realidades nacionais. Estas são mais ricas e complexas do que as mostradas nas estatísticas frias da Renda Nacional e do P.I.B. Pois, como é óbvio, éstes não englobam valores inestimáveis de cultura, que não podem ser expressos numericamente.

Mais importante do que a "renda por cabeça" é a própria "cabeça", à qual é atribuída tal renda. É no homem que se encontra o grande valor e todo o desenvolvimento econômico é feito por êle e para êle. Assim, a valorização do homem —através do seu aperfeiçoamento moral, cultural e técnico— é que constitui a verdadeira chave do progresso. Pois o Brasil, como a Índia, embora possuindo modestíssima renda "per capita", é e será, cada vez mais, pelo papel que desempenha no concôrto nas nações, um dos fatores decisivos dos destinos da humanidade.

A progressiva automação industrial, o uso dos computadores ordenadores, que multiplicam os esforços de compreensão e concepção, o estabelecimento de uma relação permanente entre os dados dos laboratórios, os problemas da produção e as perspectivas de comercialização darão às nossas empresas aquilo que já têm as norte-americanas: uma coesão e uma visão panorâmica dos problemas, uma regeneração de métodos e de técnicas industriais que irão colocá-las em dimensão cada vez mais

próxima da que já atingiram as dos países desenvolvidos.

A lição final que devemos extrair de *O Desafio Americano* é de que temos de enfrentar alguns desafios semelhantes aos dos países do Mercado Comum e muitos outros, totalmente diferentes, que nos são impostos pela nossa própria condição de país em processo de desenvolvimento, num mundo em que já existem tantas nações poderosas, que disputam entre si as posições de liderança, tantas vezes com um egoísmo e indiferença pelos problemas dos mais fracos, que chegam a fazer duvidar de sua propalada competência e clarividência.

O fato é que o problema do Brasil não é, como o da Europa, o de manter, a qualquer custo, o "status" que não quer perder nem, tampouco, o de atingir, com rapidez meteórica e a qualquer preço, uma posição de liderança como a que desfrutam os Estados Unidos. Ao que devemos aspirar, isto sim, é a um desenvolvimento equilibrado e auto-sustentado, refletido por um nível de renda sempre mais elevado e cada vez mais bem distribuído por tôdas as camadas da população, através da enorme latitude e longitude do país. O que devemos almejar é a conquista das "benesses" da civilização material, sem que isso importe na destruição ou mutilação de nossa autenticidade histórica e sem a perda das características de nosso povo, onde convivem homens de tôdas as raças e de todos os credos, numa demonstração de tolerância, respeito recíproco e coesão coletiva, difficilmente encontrados em países onde se mede o desenvolvimento

exclusivamente em termos de renda "per capita" e de produção e consumo de bens e serviços. — HERCULANO BORGES DA FONSECA.

OSCAR CULLMANN: *Cristo e a Política*. Tradução de Marina Bandeira. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1968. 102 págs.

O título do livro, sem dúvida atraente, pode, porém, dar-nos a impressão de livro-manchete. Não é, porém, o caso. Escrito em 1956, não perdeu ainda a sua atualidade e não a perderá tão rapidamente. Sem dúvida hoje em dia, quando se abordam temas como Teologia da revolução, Teologia da violência etc., vemos que a Teologia não pode permanecer distante e soberana no campo político. Para a melhor compreensão destes temas e outros, é sem dúvida muito esclarecedora a obra exegetica de CULLMANN, analisando o contexto histórico-político no qual Cristo se encarnou e foi condenado à cruz. Esclarece também e dá linhas de reflexão sobre o multissecular problema das relações entre Igreja e Estado. Mensagem central do Evangelho e o papel do Estado. Posição do cristão frente do Estado. Se, hoje em dia, a fé autêntica do cristão tem que ser uma fé engajada e vivida na comunidade dos homens, é essencial ter sempre presente a posição de Cristo frente aos diversos movimentos e correntes políticas na Palestina, então Província de Roma. Dominação estrangeira. Quebra da soberania nacional. Diante destes fatos, qual a posição do cristão? A obra do consagrado teólogo protestante traz, para esta reflexão, elementos esclarecedores.

"A tarefa da Igreja em relação ao Estado, estabelecida para todo o sempre, é clara. Primeiramente, dar com lealdade tudo aquilo que o Estado precisa para sua existência. Tem que se opor à anarquia e ao zelotismo dentro de suas próprias fileiras. Segundo, tem que desempenhar o papel de sentinela sobre o Estado. Isto significa: deve permanecer, em princípio, em posição crítica para com o Estado e estar pronta a adverti-lo contra qualquer transgressão de seus limites legítimos. Terceiro, tem que negar ao Estado qualquer excesso que interfira na competência do ideológico-religioso. Na sua pregação, a Igreja tem de, corajosamente, apontar êsses excessos como em oposição a Deus."

"Quanto à função do Estado, as normas estipuladas são as seguintes: primeiro, o Estado, e sabemos que não tem, necessariamente, que ser cristão, tem obrigação de conhecer os seus limites (e é capaz de conhecê-los, como o sabemos pela epístola aos romanos). Segundo, que o Estado se dê o trabalho, tanto quanto possível, de compreender a atitude de seus súditos cristãos, na medida em que for capaz de entender. Neste ponto, a cruz de Cristo deveria servir ao Estado com um sinal de advertência." (Pág. 79). — L.P.B.

ORACY NOGUEIRA, *Pesquisa Social: Introdução às Ciências Sociais*. Editora Nacional, São Paulo, 1968, 210 págs.

ORACY acaba de oferecer ao público, através da Editora Nacional, uma grande colaboração para o

campo das Ciências Sociais, com seu livro: *Pesquisa Social: Introdução às suas Técnicas*.

É com grande mestria que apresenta essa obra, tendo assentido aos pedidos que lhe foram feitos para a elaboração em forma de livro de suas aulas, proferidas em 1951. Com um estilo simples e fluente, exposição clara e sistemática, qualquer principiante se pode beneficiar e usufruir de suas orientações. É um verdadeiro manual didático prático que vem proporcionar ao aluno um estudo direto da matéria. Um instrumento válido para iniciar o aluno nos primeiros passos da pesquisa sociológica.

É um livro de real interesse e proveito, por apresentar seguros ensinamentos, pois, ORACY NOGUEIRA, além de professor, é também experimentado pesquisador no campo das ciências sociais, podendo assim falar com autoridade do assunto.

A pesquisa é a base de todo e qualquer estudo científico porque ela vai constatar, negando ou confirmando, as hipóteses levantadas em torno de problemas existentes e apresentar, cientificamente, os meios para uma solução adequada. É é a isto, a **pesquisar no campo das ciências sociais**, que nos inicia a obra em apreço.

O autor apresenta uma visão das Ciências Sociais e de sua função, a seguir analisa os métodos e técnicas usados na pesquisa e, por fim, ilustra o método com um exemplo prático realizado numa comunidade amazônica.

O livro está assim dividido em três partes. Na primeira, "Pontos de Vista", o autor analisa a fun-

ção das Ciências Sociais, salientando seu valor e necessidade, maxime nos países ou regiões em vias de desenvolvimento.

Na segunda parte, "Método e Técnicas", são apresentados os meios, os caminhos que se devem seguir para atingir com a maior exatidão os fins desejados e a verificação das hipóteses propostas. "É através do método que novas conclusões estão constantemente sendo incorporadas ao patrimônio de conhecimento das diversas ciências." (Pág. 73).

Na terceira parte, "Os Estudos de Comunidade", o autor inventaria os estudos de comunidade realizados, em andamento ou em projeto, no Brasil, dentro desta perspectiva social. — FERNANDO M. DE OLIVEIRA.

M. VINÍAS: *Problemas Agrários-Camponeses do Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1968. 244 págs.

O tão controverso tema da reforma agrária brasileira, sobre o qual tanto se fala e se escreve de Norte a Sul do país, é o tema central da obra que analisaremos.

O problema é focalizado sob vários ângulos, como: a estrutura da propriedade territorial, os estratos sociais rurais, as contradições econômicas e sociais no campo, e os traços fundamentais da reforma para sua superação.

A profundidade com que aborda o problema do feudalismo é que leva NELSON WERNECK SODRÉ a perguntar:

"Como se pode discutir o problema de feudalismo — de sua exis-

tência ou não, em nosso país— se não se estabelece, preliminarmente, o conceito, admitida a variedade de aspectos particulares que êle abrange, como generalização? Assim o conceito de latifúndio, cuja historicidade dispensa comentários? Defini-lo para as condições do Brasil atual, na atual etapa histórica, é preliminar indispensável ao exame do problema da reforma agrária, a que está ligado?”

“A reforma agrária ora em pauta, neste momento histórico no Brasil, do ponto de vista social, visa mesmo a incrementar a classe assalariada, as camadas médias do campo, e mesmo a burguesia capitalista.” (Pág. 71).

“O opressor estrangeiro, que é também um sustentáculo do latifúndio, impõe-nos sistemas financeiros ruinosos e uma política comercial danosa.” (Pág. 73).

“No decorrer de duas décadas, o Nordeste caiu, de trinta para onze por cento em sua participação para o produto bruto da economia nacional, de 1939 a 1959. Esta marcha histórica, esta realidade prolongada, pode conduzir a uma implicação grave para a situação nacional — pode levar à institucionalização das desigualdades e formar classes com contradições antagonicas. Está claro que

as classes mais poderosas economicamente decidem das coisas, e isto, segundo alguns historiadores e sociológicos, pode afetar a unidade nacional se continuar indefinidamente sem solução.” (pág. 148).

“A população camponesa do Nordeste pode ser definida como de três classes e cinco camadas sociais: latifundiários, camponeses ou lavradores de condições econômicas de ricos e de médios, que expressam a burguesia, a média e a pequena burguesia rurais.” (Pág. 176).

“Reforma agrária é uma ação ou um conjunto de medidas que devem solucionar e superar determinadas contradições ou tensões acumuladas na economia agrária, nas relações sociais e na situação política num dado momento histórico. A reforma agrária tornou-se uma necessidade engendrada pelo processo real, à sociedade brasileira.” (pág. 188).

“A Nação, o País, a tradição, a unidade da Pátria, a economia e a História existem sempre em função do povo e se não o servem não tem sentido. Propriedade, mas sempre visando ao interesse comum ou “função social”, como estabelece a encíclica do Papa PAULO VI, e o resto são frases.” (pág. 236). — Ivo HOFFMAN.

AR CONDICIONADO

engenheiros
especializados

Confort-Air S/A

ENGENHARIA — INDÚSTRIA
COMÉRCIO

ASSISTÊNCIA E GARANTIA

UA WASHINGTON LUIS, 81 - 1º, 2º, 3º - TELEFONES 22-2030 • 22-492